

Rogério Andrade Barbosa

0115.1

# BICHOS DA ÁFRICA 4

## Lendas e Fábulas

Ilustrações de Ciza Fittipaldi



16<sup>ª</sup>  
edição

OMI  
MELHORAMENTOS

Rogério Andrade Barbosa

# BICHOS DA ÁFRICA

## Lendas e Fábulas

Ilustrações de Ciza Fittipaldi

O Jabuti e o Chacal • A Águia e o Gavião  
O Gato e o Rato





## *A literatura oral africana*

Você vai ler várias histórias contadas pelo Vovô Ussumane ao seu neto Malafi.

Nas sociedades africanas que ainda não têm uma escrita sistematizada, a tradição oral cumpre um papel semelhante ao das bibliotecas e arquivos de outras sociedades.

Assim, os velhos são os sábios das comunidades, donos de memória prodigiosa, verdadeiras enciclopédias vivas encarregadas de perpetuar a tradição e a história de seus povos. Muitas vezes, em caso de guerra, esses griôs – como são também chamados os contadores de histórias – são poupados de morrer, para que continuem narrando as proezas dos povos africanos.

As histórias de animais gozam de um prestígio enorme, e nelas os animais são comparados, em defeitos e virtudes, ao ser humano.

Debaixo de uma árvore ou em volta de uma fogueira, homens, mulheres e crianças se reúnem para ouvir e participar ativamente da narração, que pode variar de acordo com a plateia e a receptividade.

Na sua juventude, Vovô Ussumane percorre terras distantes divulgando seu imenso saber. Agora, já bem velhinho e famoso, se diverte contando histórias para as crianças da aldeia, que vão passando de geração para geração.

Rogério Andrade conviveu com esse mundo fantástico na África e coletou fábulas dos animais mais queridos do dia a dia desses povos africanos.

Você poderá, também, penetrar nos costumes da África quando ler as conversas de Vovô Ussumane com o seu neto Malafi.



## 1. O JABUTI E O CHACAL

Durante todo o dia a aldeia de Malafi acompanhara com atenção e entusiasmo o torneio realizado anualmente entre os melhores lutadores das povoações vizinhas. Antes das lutas, realiza-se uma dança, na qual os jovens desafiantes exibem a sua musculatura.

Os rapazes trazem os corpos besuntados com líquidos misteriosos para afastar os maus espíritos, além de vários *gri-gris*, amuletos protetores, em torno dos braços e das pernas. Os lutadores iniciam o combate ajoelhando-se um em frente do outro. Com as mãos, em gestos rápidos, procuram agarrar o adversário e, assim que conseguem, levantam-se e tentam de todas as maneiras derrubá-lo no chão.

Naquele dia o vencedor foi “Coração de Leão”, forte como um tronco de árvore, o rapaz mais cobiçado pelas moças da aldeia durante as danças que encerraram a festa.

Como a festança era para os adultos, a meninada correu para a palhoça do Vovô Ussumane, e o velhinho, sempre atencioso, contou-lhes uma história sobre um desafio famoso entre os animais...

A filha de um famoso rei era tão bonita que muitos habitantes da região queriam se casar com ela. Dia e noite chegavam pretendentes de terras distantes carregados dos mais belos presentes para a linda moça. Mas o pai tinha resolvido que só daria a filha em casamento àquele que suportasse bravamente os mais difíceis desafios.

Depois de vários meses de disputa, foram selecionados para a prova final o Jabuti e o Chacal.

O rei já não sabia que tarefa escolher para eles quando o Jabuti, pedindo licença, disse que tinha uma sugestão:

– Para saber qual de nós dois é o mais corajoso, vamos ver quem consegue comer a papa de milho mais quente.

O rei gostou da ideia, e o Chacal, meio desconfiado, acabou concordando também.

No dia seguinte, desde as primeiras horas da manhã, os aldeões com as mulheres e crianças já estavam sentados no chão formando um grande círculo no largo da aldeia para assistir à última prova. Logo que o rei, acompanhado da esposa e da filha, usando seus melhores e mais coloridos trajes, tomaram seus lugares, protegidos do sol por uma majestosa árvore, a multidão, inquieta, começou a gritar para que a disputa começasse. No meio do alarido ouviam-se as vozes dos homens fazendo apostas, alguns no Jabuti, outros no Chacal.





Finalmente, chegou o grande momento. Os dois candidatos avançaram em direção ao rei, que se levantou e, pedindo silêncio, perguntou:

– Qual de vocês quer ser o primeiro?

O Jabuti, dando um passo à frente, respondeu rapidamente:

– Eu quero começar, majestade!

O Chacal suspirou aliviado, pois não desejava ser o primeiro mesmo.

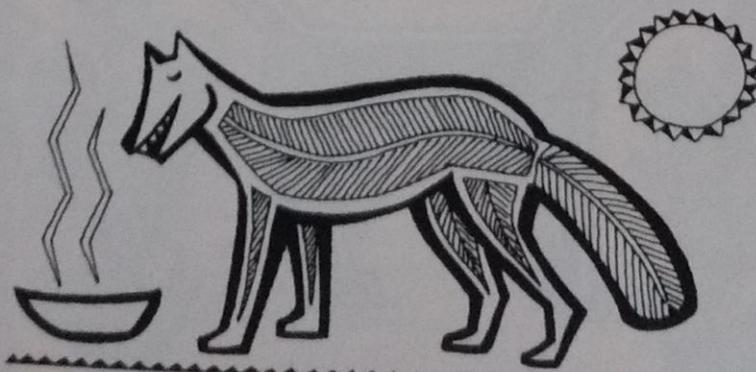
As atenções se voltaram então para o cozinheiro da aldeia, que desde a noite anterior havia deixado um enorme caldeirão de mingau de milho fervendo numa fogueira armada no centro do pátio. Ele pegou uma concha de madeira, muito comprida, e a mergulhou no caldeirão, que soltava fumaça de tão quente. O cozinheiro retirou a concha, encheu uma tigela de barro e passou-a para o Jabuti.

O Jabuti pegou o recipiente com muito cuidado e disse:

– Para que todos aqui não duvidem da minha coragem, vou passar a tigela na frente de cada um de vocês para que verifiquem com seus próprios olhos como esta papa de milho está fervendo. – E, lentamente, mostrou a fumegante tigela: inicialmente para o rei, a rainha e a filha, depois deu uma volta completa no círculo humano, fazendo a mesma coisa com a multidão reunida ali. Quando terminou o passeio, o mingau já estava praticamente morno. O Jabuti não teve problema nenhum para engoli-lo de uma vez só, em meio aos aplausos do público.

– Chacal – disse o rei –, agora é você. O rival carniceiro tremia tanto que, ao receber a tigela escaldante, deixou-a cair no chão, queimando os pés. Não aguentando a dor, fugiu pulando numa perna só, vaiado estrepitosamente pelos aldeões.

E assim o Jabuti casou com a filha do rei.





## 2. A ÁGUIA E O GAVIÃO

Vovô Ussumane estava sempre a par das últimas novidades da aldeia: os nascimentos e as mortes, a compra de um animal, a sementeira de um novo campo ou os danos causados pelos porcos selvagens. E antes que a criançada chegasse, ele já tomara conhecimento da má notícia: naquela manhã, enquanto pastoreavam o gado, os meninos, entretidos em armar arapucas para os passarinhos, não perceberam que duas vacas estavam comendo ervas venenosas. A morte dos animais era uma perda considerável, pois o gado é a principal riqueza dos povos do lugar. Ao anoitecer, como os garotos ainda estivessem tristes pelo descuido fatal, o avô aproveitou a ocasião para contar o caso do gavião que também perdeu as vacas...

Há muito e muito tempo, havia uma águia poderosíssima que tinha uma porção de bois. Um belo dia, deixou-os pastando aos cuidados do sobrinho, o gavião.

O jovem era bem distraído. Deixou o gado sozinho e foi visitar um amigo que morava perto do pasto. Quando voltou, quase morreu de susto, pois a preciosa manada tinha sumido. Muito aflito, foi contar a má notícia para o tio.

O dono do tesouro ficou bravíssimo.

– Isso não vai ficar assim – gritou. – E coitado de você se não acharmos os meus animais. – E os dois saíram voando em busca das reses.

No meio do caminho, encontraram o Sol e foram logo lhe perguntando:

– Ó, glorioso Sol, você, que vê tudo, pode nos informar por onde anda ou quem foi que roubou o meu gado?

O Sol respondeu:

– Quem apanhou sua riqueza foi a Lua.





A águia e o gavião partiram imediatamente para a resplandecente casa da dona do luar e, aos gritos, foram exigindo:

– Viemos buscar os bois que você nos surrupiou.

A Lua, muito calma e bonita, não se assustou com os dois atrevidos e disse, sorrindo:

– Olhem, metade deles já comi e a outra metade vendi para as estrelas. Como não tenho mais cabeças para devolver para vocês, levem essas cinco moedas de ouro e comprem outros bichos.

A águia e o gavião, satisfeitos, aceitaram o dinheiro e foram embora. Na volta, o pássaro maior entregou as moedas para o menor, avisando-lhe que tivesse cuidado para não as perder. O jovem colocou-as entre as penas, e continuaram a voar. Quando chegaram em casa, o gavião, que era um bocado descuidado, notou com espanto que as moedas haviam desaparecido.

– Tio, perdi o dinheiro – disse o gavião choramingando.

– O quê, seu paspalhão! – berrou a águia irritadíssima.

– Agora vamos ter que sair voando por toda a floresta para ver se os bichos acharam as moedas.





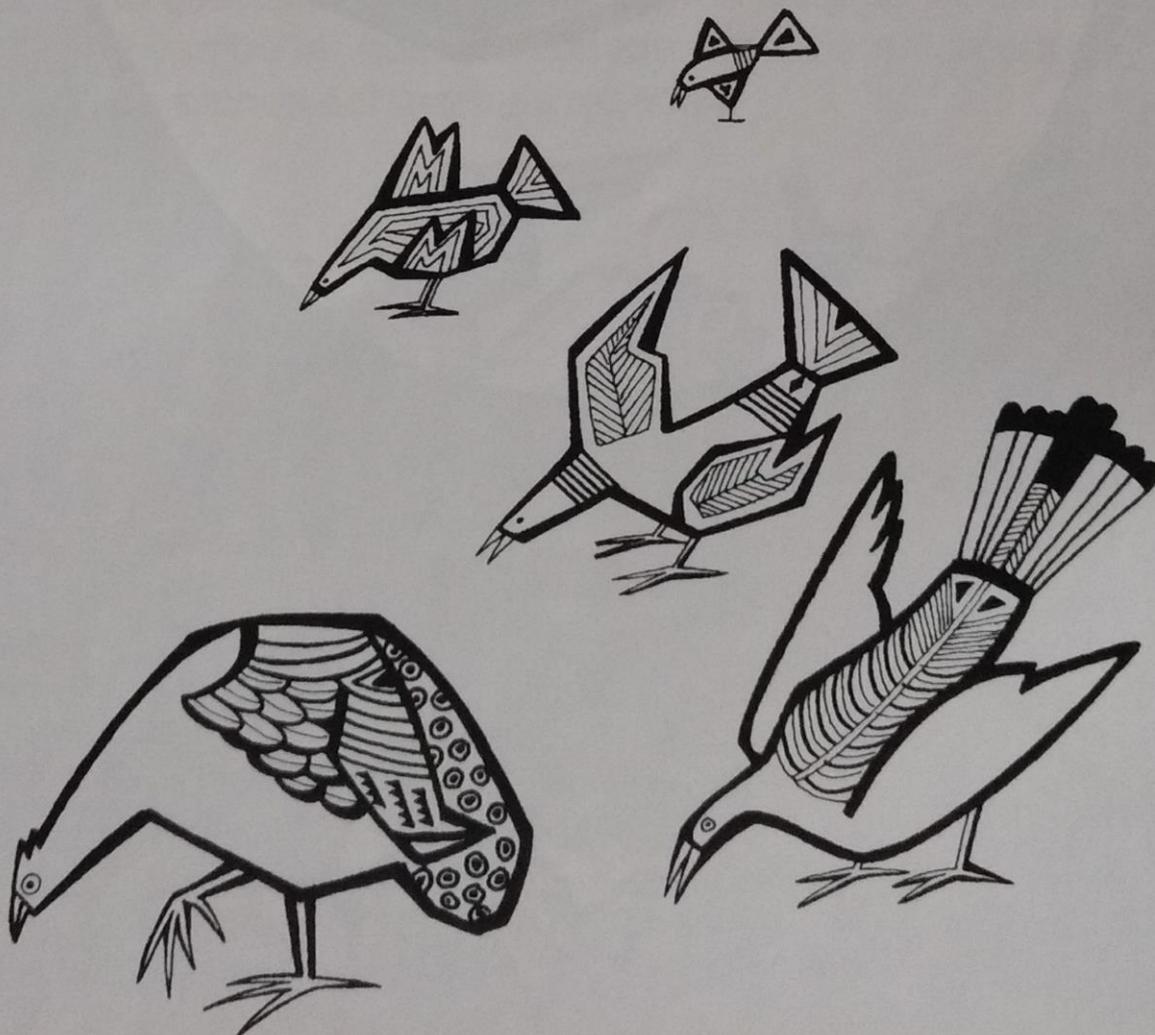
A águia e o gavião bateram as asas sobre todas as matas, mas os animais que encontravam diziam que não tinham visto as peças de ouro.

Zangadérrima, a águia resolveu declarar guerra a todas as outras aves, até que aparecesse o fatídico dinheiro.

É por isso que hoje todas as aves em busca de alimentos ficam ciscando o chão com suas unhas, procurando as cinco moedas da águia.

E é por isso também que os galos, ao nascer do Sol, cantam perguntando uns aos outros:

- Có-có-ró-có-có... (Já apareceu o dinheiro?)
- Có-có-ró-có-có... (Ainda não, ainda não.)
- Que coisa, vovô... Por causa de um, todos tiveram que pagar! Isso não é direito, não é? – perguntou Malafi.
- É isso mesmo, Malafi – concordou o vovô. – Esse mundo é cheio de injustiças como essa que vocês acabaram de ouvir...





### 3. COMO O GATO E O RATO SE TORNARAM INIMIGOS

Naquela noite, a tempestade não deixou ninguém dormir na aldeia de Malafi. Na estação das chuvas, era sempre a mesma coisa. Chovia torrencialmente dia e noite sem parar. Malafi, encolhido na esteira, não se lembrava de ter visto e ouvido tantos raios e trovões assim.

Ao amanhecer, a trabalhadeira foi grande: tirar a lama de dentro das casas, providenciar uma nova cobertura para as palhoças que tiveram os tetos arrancados pela força do vendaval e, o pior, reunir o gado, que, assustado com os relâmpagos, tinha arreventado os currais e fugido desesperado pelos campos.

Mais tarde, as crianças foram se refugiar na palhoça de Vovô Ussumane, e, enquanto a chuva ainda caía fininha, o vovô ia desfiando outra de suas intermináveis histórias...

No tempo em que os gatos e ratos ainda eram amigos, aconteceu uma grande enchente. Os rios transbordaram, inundando os campos e as florestas.

Um gato e um rato foram pegos de surpresa pela chuvarada enquanto colhiam mandioca. Ficaram ilhados no alto de um morro, não sabendo como voltar para a aldeia onde moravam.

– E agora? – perguntou o gato.

– Tenho uma ideia – respondeu o rato. – Que tal construirmos uma jangada com talos de mandioca?

O bichano aprovou a proposta do companheiro, e começaram imediatamente a preparar a improvisada embarcação com os talos de mandioca que haviam colhido durante o dia inteiro de trabalho.

Logo que a jangada ficou pronta, os dois a lançaram à água e puseram-se a caminho de casa. Como o rio estava muito cheio, tinham que ir remando devagarinho.

Remaram e remaram até que o rato, morto de fome, resolveu comer um pedacinho da jangada.



– O que você está fazendo? – perguntou o felino.

– Estou com fome e por isso vou roer um bocadinho da jangada – respondeu o rato.

– Nada disso! – gritou o parente da onça. – Continue a remar!

Quando anoiteceu, cansado também de remar, soltou um miado e acabou dormindo. O dentuço aproveitou-se do sono do colega e começou a roer. Roeu tanto que terminou fazendo um buraco bem no meio da jangada e CATIMBUM: afundaram! Por sorte estavam perto da margem. Com muito esforço chegaram em terra firme. O dorminhoco, enfurecido, falou então para o roedor:

– Agora quem vai te comer sou eu, seu desastrado!

– Mas estou todo enlameado. Espere aqui um pouquinho que eu vou me lavar – disse o comilão ao mesmo tempo que desaparecia em sua toca.

Para se vingar, o outro esperou um tempão, até perceber que tinha sido enganado. E é por causa dessa briga que eles são inimigos até hoje.



## Apresentação da Série

Rogério Andrade Barbosa, em seus contos, usa Vovô Ussumane como um contador de histórias que mostra a oralidade como uma atitude diante da vida e não a ausência de uma habilidade – a de escrever.

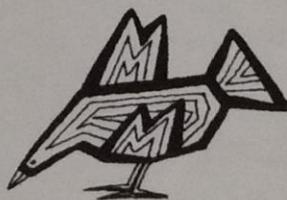
Encontramos, nessas narrativas, a transmissão de fatos do passado e, principalmente, a atualidade, já que a tradição oral não traduz um período já ultrapassado da vida de um povo, mas sim uma forma de “ser permanente”, num faz-se, desfaz-se e refaz-se que caracteriza uma cultura, distinguindo-a de qualquer outra. Dessa forma, ao transmitir valores e ao ensinar a filosofia de seu povo para o menino Malafi, Vovô Ussumane utiliza as histórias de animais, que são os mitos tornados publicamente inteligíveis e que traduzem as conclusões cuidadosamente elaboradas pela comunidade, para permitir a estruturação da personalidade de seus integrantes e caracterizar uma maneira típica de ser.

Assim, Vovô Ussumane não sonha enquanto rememora, pois desempenha uma função para a qual está preparado: unir o começo da vida ao seu fim, alargando as margens dos rios caudalosos, representados pelas novas gerações, com a tranquilidade que absorveu de outros rios revoltos que encontrou no passado. Enfim, os contos nos falam da vida, da continuidade histórica, de transcendência. Valorizam a sabedoria dos mais velhos, a potencialidade das crianças, revelando a importância do amor, da amizade, do respeito, da solidariedade e da vida em comunidade.

A tradição oral, no Terceiro Mundo, é importante fator de enriquecimento e afirmação da identidade social. A série Bichos da África vem esclarecer os valores civilizatórios africanos, tão pouco conhecidos pela comunidade negra brasileira, que luta por ser reconhecida e por se integrar no conjunto da sociedade.

Estes contos tradicionais africanos de animais demonstram claramente as estratégias próprias da cultura negra, que possui uma força efetiva e se antepõe a uma ordem cultural branca, que, em um país plural como o nosso, sempre se quis hegemônica.

*Helena Theodoro Lopes*



Série  
**BICHOS DA ÁFRICA**  
**Lendas e Fábulas**

Nas sociedades africanas que ainda não têm escrita, a tradição e a história desses povos são transmitidas em belas narrativas por velhos sábios, chamados griôs. Debaixo de uma árvore ou em volta de uma fogueira, homens, mulheres e crianças se reúnem para ouvir essas narrativas envolventes, que divertem, transmitem costumes e valores morais.

Rogério Andrade Barbosa conviveu com esse mundo fantástico e coletou fábulas dos mais queridos animais desses povos, as quais podem trazer maior conhecimento da cultura africana para o nosso leitor.

A partir da arte ioruba, Ciça Fittipaldi criou as ilustrações, explorando o universo fantástico e exuberante da África.



**BICHOS DA ÁFRICA 1**

A Mosca Trapalhona • A Tartaruga e o Leopardo

**BICHOS DA ÁFRICA 2**

A Moça e a Serpente • A Vingança de Eraga  
O Cassola e as Abelhas

**BICHOS DA ÁFRICA 3**

Por Que os Cães Cheiram uns aos Outros  
O Julgamento da Tartaruga

**BICHOS DA ÁFRICA 4**

O Jabuti e o Chatal • A Águia e o Gavião  
O Gato e o Rato

ISBN 978-85-06-06023-0



9 788506 060230